

VII Simpósio Internacional sobre Literatura Brasileira Contemporânea: cartografias da produção atual

Brasília - Universidade de Brasília - 4 a 7 de dezembro de 2016



a literatura laboral de Ana Paula Maia

Lígia de Amorim Neves (Doutoranda)
Profa. Dra. Lúcia Osana Zolin (Orientadora)

INTRODUÇÃO

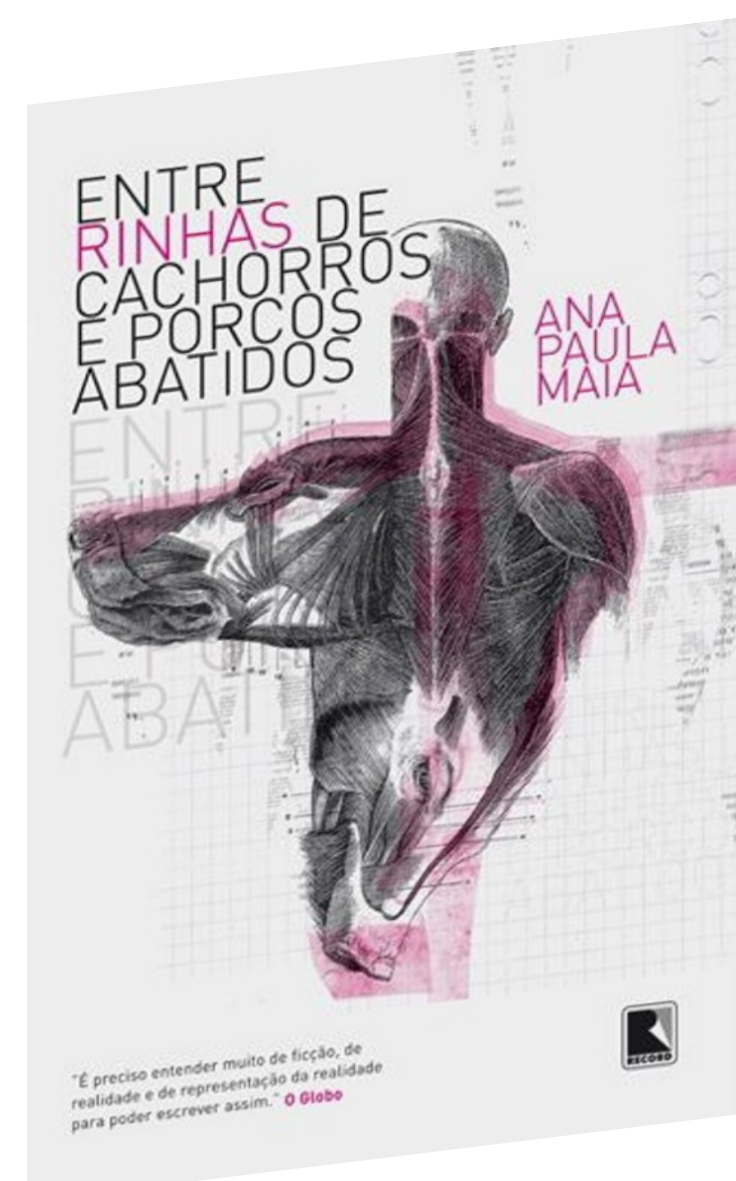
A presença permanente, e não episódica, de personagens de baixo estrato socioeconômico ainda é rarefeita nos romances brasileiros escritos por mulheres no século XXI, segundo a pesquisa em andamento “Literatura de autoria feminina contemporânea: escolhas inclusivas?”, coordenada por Lúcia Zolin. Consequentemente, a discussão de algumas questões cotidianas e proeminentes da contemporaneidade, como é o caso da categoria trabalho, tendem a permanecer limitadas ou frequentemente silenciadas nos discursos teórico-críticos suscitados e desestabilizados pela e na literatura. As obras recentes de Ana Paula Maia, no entanto, destoam desse cenário, uma vez que abrem uma via de acesso a esse mundo laboral ao trazer à cena homens que protagonizam a narrativa abatendo animais, recolhendo lixo, limpando esgoto, cremando corpos e extraindo carvão.

OBJETIVO

A tese em andamento objetiva problematizar os dispositivos de poder que confinam grupos subalternos em espaços invisíveis dentro e fora da literatura brasileira contemporânea de autoria feminina, bem como os mecanismos que reduzem esses indivíduos a uma vida inerte, cujas necessidades criativas, corporais e emocionais são ignoradas para transformá-los cada um em um ser que trabalha. Para tanto, analisamos a produção literária mais recente de Ana Paula Maia, tendo em vista que suas narrativas provocam essa discussão, são elas: as novelas *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009) e *O trabalho sujo dos outros* (2009) – publicadas em um único livro – e os romances *Carvão animal* (2011) e *De gados e homens* (2013).

EMBASAMENTO TEÓRICO

Os aportes teórico-críticos desta pesquisa abrangem os pontos de vista filosófico-políticos de Giorgio Agamben e Hanna Arendt, para entendermos questões relativas a biopolítica, sobrevivência, estado de exceção, produção e consumo. Também empreendemos as visões sociológicas de Edgar Morin e Slavoj Žižek e as perspectivas ecocríticas de Carol Adams e Sônia Felipe para refletirmos sobre violência e morte, já que a vida das personagens, ao lado da dos animais muito presentes em todas as narrativas, é o que lhes restou para se perder. E para fins de discussão sobre o impacto dessa literatura dentro do cenário literário brasileiro contemporâneo de autoria feminina, recorreremos a estudos de pesquisadores/as brasileiros/as da contemporaneidade, sobretudo a artigos e ensaios oriundos de revistas literárias científicas publicadas na última década.



Nos últimos meses, muitos trabalhadores afastaram-se do trabalho devido a acidentes. Acidentes nunca reportados em lugar algum. Gostam de narrar tiros e mortes por bandidos. Grandes fatalidades. Catástrofes. Escândalos. [...] Mas um sujeito que vive do lixo, que está tão próximo dele, não soa importante (MAIA, 2009, p. 140).



O fóssil negro, da cor de sua pele, já percorre o seu sangue. Sofre da doença do pulmão negro, porém a doença ainda não o impediu de trabalhar. Constantemente tosse e cuspe uma secreção espessa de cor negra e gosmenta. Ele pretende terminar seus dias ali mesmo, naquela mina, pois tudo que fez na vida foi trabalhar. Não sabe fazer mais nada, nem filhos ele soube fazer (MAIA, 2011, p. 74).



Edgar Wilson pensa nos hambúrgueres enquanto trabalha, enquanto afasta as moscas e limpa os respingos de sangue do rosto. Lá na fábrica de hambúrgueres a brancura reflete uma paz que não existe, um clarão que cega a morte. Todos são matadores, cada um de uma espécie, executando sua função na linha de abate (MAIA, 2013, p. 49).

JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica pela contribuição que traz ao campo das discussões literárias sobre temáticas e representações pouco recorrentes na prosa de ficção contemporânea escrita por mulheres, como é o caso do trabalho em movimento realizado por indivíduos alijados do tecido social. Importa-nos dar visibilidade e problematizar a relação entre as características físicas, fisiológicas, cognitivas, psicológicas e sociais desses sujeitos e o trabalho que desempenham, e a jornada que são forçados a cumprir, e os equipamentos, ferramentas e instalações de que fazem uso, e o ambiente em que passam a maior parte do dia sob efeitos adversos de temperaturas, ruídos, vibrações e iluminação, e entre a própria literatura que resiste a trabalhar essa realidade. Além disso, a fortuna crítica de Ana Paula Maia ainda é escassa, sendo composta sobretudo por resenhas e entrevistas. O registro de publicação de artigos é raro e a única dissertação sobre a sua literatura versa sobre o seu primeiro livro *O habitante das falhas subterrâneas* (2003), que não integra o conjunto de narrativas escolhidas para este estudo.

RESULTADOS PARCIAIS

Em seus primeiros resultados, o estudo revela uma escrita literária que trilha caminhos que se distanciam da autorrepresentação que grande parte das escritoras contemporâneas tendem a fazer em suas histórias. Como consequência, temos, para além do espaço urbano, a presença de ambientes rurais não idílicos, com personagens de baixo estrato socioeconômico, desempenhando ocupações profissionais pouco recorrentes na literatura e cujos conflitos decorrem precisamente de sua relação com o trabalho. Percorremos narrativas em que a plasticidade do trabalho em movimento assume um protagonismo ao lado desses homens e de animais, ambas vidas reduzidas a unidades de um processo industrial, ao trabalho e ao seu mínimo biológico, isto é, à zona intermediária entre a vida e a morte, à sobrevivência. Portanto, ao lançar luz sobre os habitantes subterrâneos de seu tempo e sobre os mecanismos de apagamento desses sujeitos e de suas práticas na sociedade e na literatura, a ficção em prosa de Ana Paula Maia se posiciona dentro da contemporaneidade pensada por Giorgio Agamben, amplia modos de pensar a literatura de autoria feminina e convida o/a leitor/a a pensar sua relação com essas corporeidades e trabalhos invisibilizados.

